



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**Expressões Culturais dos Quilombolas da Comunidade Dona Juscelina em
Muricilândia-TO. ¹**

Katiane da Silva Santos²

Elias da Silva³

Luiza Helena Oliveira da Silva⁴

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Resumo

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina – CQDJ, localiza-se no município de Muricilândia-TO, sua maior expressão cultural é a Festa 13 de Maio que é realizada na mesma data, trata-se de uma encenação do ritual de assinatura da Lei Áurea. A partir desta Festa os membros quilombolas imbuídos da cultura negra preservam e expressam seus sentimentos que nos ajudam a entender a essência da cultura deste povo. Objetiva-se analisar os discursos dos quilombolas através de textos que compõem o enredo das festividades da comunidade buscando sentido na construção identitária do grupo. Para tal, o trabalho possui caráter interpretativo e qualitativo com base na revisão bibliográfica e biográfica em trabalhos que norteiam teórica e metodologicamente o tema tendo por base a teoria semiótica para análise dos dados.

Palavras-chave: Quilombo; Dona Juscelina; 13 de Maio; Abolição; Cultura.

1. Introdução

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina - CQDJ localiza-se no município de Muricilândia no norte tocantinense. Mesmo sendo um quilombo urbano, o grupo étnico mantém traços culturais ancestrais na forma que lidam com a terra mesmo estando em um perímetro urbano. A maior expressão cultural da comunidade é a Festa 13 de Maio que é realizada na mesma data, trata-se de uma encenação do ritual de assinatura da Lei Áurea. A partir desta Festa é que se desenvolve este trabalho, pois os membros

1 Trabalho apresentado no GP Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade de XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

2 Mestranda em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: geo.katiane@uft.edu.br.

3 Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: esilvageo@uft.edu.br.

4 Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: luiza.to@uft.edu.br.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

quilombolas imbuídos da cultura negra preservam e expressam seus sentimentos que nos ajudam a entendermos a essência da cultura desse povo.

Temos como objetivo analisar os discursos dos quilombolas Dona Juscelina, através de textos que compõem o enredo das festividades da comunidade buscando sentido na construção identitária do grupo. Entretanto, não será neste trabalho que iremos esgotar essa análise, sendo este momento apenas um esboço para futuros aprofundamentos do estudo vinculado ao nosso trabalho de dissertação intitulado como “DO PASSADO AO PRESENTE: A Festa 13 de Maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO”.

Os procedimentos metodológicos serão alicerçados no modelo de pesquisa com caráter interpretativa e qualitativa, com base em revisão bibliográfica em obras que norteiam teórica e metodologicamente o tema. O texto é construído com abordagens biográficas, mobilizando a sócio-semiótica que permite a significação dos elementos em estudo visto que são carregados de sentidos, sendo estas manifestações culturais com teor de ancestralidade africana.

2. Cultura e Ancestralidade Africana

O termo cultura vem do latim, e traz uma ideia de erudição e refinamento, advindos da aquisição de conhecimentos de várias áreas científicas somando isso a uma postura social que responda as etiquetas impostas pelas classes sociais dominantes, isso seria ter cultura como comenta Gomes (2016, p. 33).

Porém, conseqüentemente essa definição de cultura provoca acepção entre pessoas e povos e despreza os conhecimentos, saberes e modos de vida populares. Gomes (2016, p. 34-35) aponta as principais categorias que definem cultura e identifica entre essas correntes os pontos que são reconhecidos pela antropologia como: as diversas manifestações e produções artísticas; hábitos e costumes que representam e identificam um modo de ser de um povo; sistemas de coisas inconscientes que determina o modo como as pessoas se comportam. Neste sentido, Gomes conceitua o termo cultura como:

Cultura é o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se. (GOMES, 2016, p. 36).

Assim, concordamos com a ampla definição estabelecida pelo autor, visto que os diversos sistemas culturais compõem-se em níveis complexos. Assim entendemos que quando um sujeito pertence a uma cultura, suas atitudes convergem para este dado sistema cultural e nele esse sujeito se reproduz biologicamente e culturalmente.

Quanto à definição do termo cultura, vejamos as análises de Williams (1992, p. 10) que discute desde a antiguidade quando apenas caracterizava-se como processos de cultivo de vegetais ou criação de animais, estendendo-se no século XVI para o cultivo da mente humana, que se tornou no século XVIII “[...] o modo de vida global de determinado povo [...]”. Assim, o cultivo da mente humana se expressa por “pessoa culta” (i); por “interesses culturais” (ii); e por “as artes” e “o trabalho intelectual do homem” (iii).

Nesta direção, entendemos que as culturas tem caráter global. Assim, seguimos o pensamento de Williams (1992) que nos alerta a entendermos as diversas manifestações culturais sem valorar ou hierarquizar os tipos ou práticas culturais. Desta maneira, mediante os diversos povos e culturas, o termo deve ser empregado no plural para quebrar qualquer possibilidade de singularidade.

O reconhecimento da cultura para o Estado nacional brasileiro é defendida na Constituição da Federação da República - CFR e trata desta questão no Artigo 215: “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (BRASIL, 1988).

No Artigo 216 da Constituinte (BRASIL, 1988), aponta os bens materiais e imateriais que são portadores de referências à identidade, à ação e à memória como patrimônio cultural brasileiro. Dentre os elementos que se incluem de cultura tradicional são: formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, criações artísticas, objetos, edificações e espaços de manifestações artísticos-culturais.

O Estado brasileiro defende na Carta Magna a cultura que especificamente estamos falando que é a cultura afro-brasileira, porém no “[...] limite da folclorização da



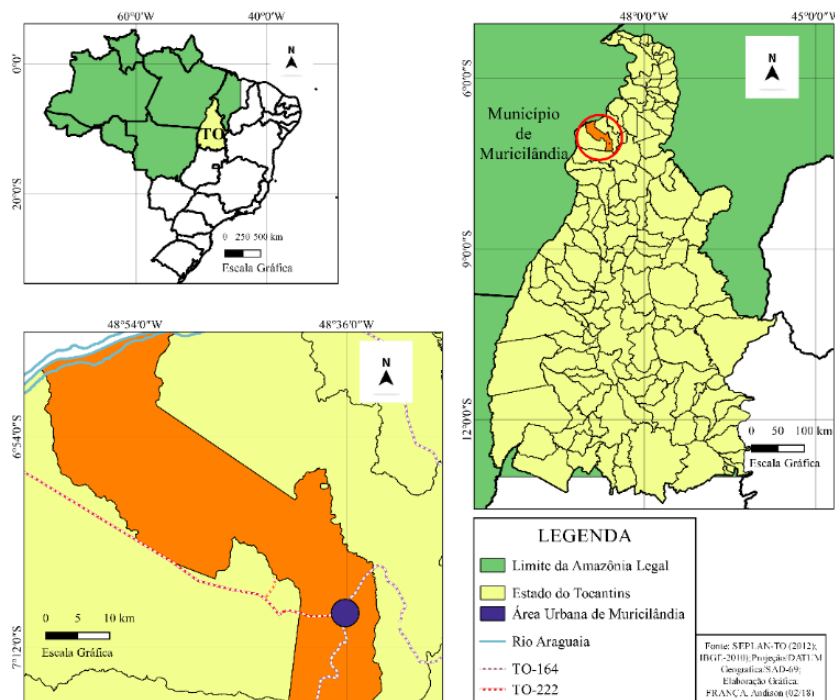
XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

cultura [...]” (ARRUTI, 2006, p. 71), pois é importante pensarmos que a cultura de ancestralidade africana não é folclore é resquícios de um passado.

Neste estudo, abordamos a Comunidade Tradicional Dona Juscelina que se autorreconhece como quilombolas e receberam a certificação de autodefinição como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares através da Portaria nº 51 de 2010. De acordo com informações coletadas na Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, há 236 famílias cadastradas, com 830 membros.

Sobre a formação desse grupo étnico no município de Muricilândia (TO), relata-se que os primeiros habitantes chegaram em 20 de agosto de 1952, integrantes do movimento migratório dos romeiros de Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte-CE, importante líder religioso nordestino inspirador do movimento messiânico tendo além da religião e a fé cristã, a busca pela terra, numa alusão bíblica ao Velho Testamento, assim buscavam as “Bandeiras Verdes” (terras inexploradas).

Mapa 01 – Localização de Muricilândia no contexto brasileiro.



Fonte: FRANÇA, Anderson Antonio de Oliveira, 2017.

Organização: A autora.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O pequeno grupo funda dois aglomerados urbanos que se emancipam e dão origem aos municípios de Aragominas e Muricilândia no norte tocantinense. O Mapa 01 localiza o município de Muricilândia destacando sua área urbana onde encontram-se segregados boa parte dos membros da CQDJ por razões de espoliação das terras tradicionais dos quilombolas, e ainda aponta sua localização no norte do Tocantins e sua inserção no oriente da Amazônia legal no contexto brasileiro.

O grupo de imigrantes era composto por pessoas negras e que traziam consigo aspectos culturais de origem do sertão nordestino, haja vista serem migrantes oriundos da região nordeste do país, principalmente advindos dos Estados do Maranhão e Piauí. Porém, o grupo também carregava elementos culturais de origem afrodescendente, o principal deles é a dança de roda chamada Lindô, onde os pares entrelaçam os braços e rodando trocam de par, enquanto um puxador canta e os demais respondem, os versos tratam de atitudes cotidianas praticadas por comunidades tipicamente tradicionais.

Após dez anos de formação do povoado Muricilândia, em 1962 chega à localidade, a família Gomes, oriunda do Estado do Maranhão, desta família faz parte Lucelina Gomes dos Santos, popularmente conhecida como “Dona Juscelina” que se tornou a matriarca do quilombo. A família Gomes, assim como o primeiro grupo que já habitava o território às margens do rio Muricizal, também é negra, migrante nordestina e que trazem consigo heranças da cultura sertanista e afrodescendente. Porém, há um membro dessa família que reforça esses laços com a cultura negra através de oralidades com teor de ancestralidade africana, sendo essa pessoa a “Dona Juscelina”, nascida em 24 de outubro de 1929 no município de Nova Iorque-MA, habitou no município vizinho Pastos Bons-MA, depois migrou para Cristalândia-TO e posteriormente para Muricilândia em 1962.

Dona Juscelina é a principal protagonista na transferência dessas memórias por meio da oralidade aos demais habitantes que formam a atual comunidade quilombola. Desta forma, se ergue como ícone deste grupo e se torna a matriarca da Comunidade Quilombola que recebeu seu nome.

Aos 86 anos de idade, é uma mulher, negra, benzedeira, viúva, teve uma filha de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

seu ventre e criou outros oito filhos. Além disso, atuou vinte e cinco anos como parteira em Muricilândia, que de acordo com sua contagem tem 583 filhos de pegação (durante o parto em que Dona Juscelina realizava, era ela a primeira pessoa a pegar a criança, assim considera-se e é considerada pela comunidade como mãe de pegação).

Além disso, na chegada da família Gomes que trouxeram consigo a memória de uma comemoração que se realizava em Nova Iorque (MA), chamada de Festa 13 de Maio que foi idealizada pelo tio da matriarca chamado Claro Preto do Saco, que segundo Dona Juscelina faleceu em 1950 com cerca de 84 anos de idade, viveu os primeiros anos de sua vida como agregado em fazenda escravocrata. Fiabani (2015), esclarece que no Maranhão várias comunidades negras possuem o termo pretos em seus nomes:

Santo Antônio dos Pretos, Bacuri dos Pretos, Eira dos Pretos, Jamari dos Pretos, Santa Maria dos Pretos, Santa Rita dos Pretos, Mocambo dos Pretos, Santana dos Pretos, Pitoró dos Pretos, São Sebastião dos Pretos. Estas comunidades são compostas majoritariamente de negros que habitam aqueles lugares há décadas e indicam suas origens como sendo o período do cativo, quando ocuparam terras livres e continuaram a produzir para a sobrevivência [...]. (FIABANI, 2015, p. 18).

Para a família Gomes, a Festa 13 de Maio é símbolo da libertação da escravidão, que no Brasil é comemorada precisamente na mesma data pelo advento da assinatura pela Princesa Isabel da Lei Áurea que aboliu a escravidão no país. Claro Preto do Saco, designou Dona Juscelina com cerca de 20 anos de idade a dar continuidade com a comemoração de alegria pela libertação dos escravos.

Desta forma, somente aos 39 anos, em Muricilândia, sua atual cidade de residência, sendo o ano de 1968, a líder da comunidade afrodescendente deu continuidade à comemoração da Festa 13 de Maio. Assim, a chegada da família Gomes na localidade é um marco para este povo. A Festa tem efeito de amálgama entre os membros quilombolas, sendo oportunidade para danças, músicas, batuques, palestras, artesanatos, comidas típicas e encenação teatral.

Destarte, a Festa 13 de Maio é o símbolo maior da identidade quilombola da comunidade, é um elo entre o passado e o presente, sendo também através deste evento a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

manifestação cultural que tornou Dona Juscelina a protagonista, líder e matriarca na fundação da comunidade.

Sobre essa tradicional Festa da CQDJ, realiza-se anualmente e há mobilizações durante todo esse período. De acordo com a matriarca, a Festa significa comemorar com pesar o sofrimento do negro com a escravidão e celebrar a Princesa Isabel como a libertadora, a figura 01 mostra o ritual de assinatura da Lei Áurea.

Figura 02 – Encenação do ritual de assinatura da Lei Áurea.



Fonte: Blog da ACQDJ (2017).

A encenação fundamenta toda a realização da Festa que culmina no dia 13 de Maio, tem as seguintes atividades:

- A Alvorada – simboliza o primeiro telegrama enviado pela Princesa Isabel declarando a possível abolição da escravatura no Brasil em 13 de maio de 1888 às 4h da manhã;
- Diálogo Inter-Religioso – elemento agregado a festa, em razão da religiosidade da matriarca com raiz no catolicismo popular e também pela presente diversidade religiosa na comunidade quilombola;



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

- Encenação Teatral - simboliza o segundo telegrama enviado pela Princesa Isabel declarando a abolição da escravatura no Brasil em 13 de maio de 1888 às 16h da tarde. Ocorre neste mesmo horário o ritual de assinatura da Lei Áurea que culmina com a dança do rebolado que é a explosão de alegria dos escravos libertos, seguida de um cortejo pela cidade em formato de procissão, onde dançam e cantam cantigas típicas de quilombos, exaltando a Princesa Isabel e narrando a escravidão.

Concordamos com Hobsbawm quando diz: “[...] estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória [...]” (2008, p. 10). Deste modo, a encenação da assinatura da Lei Áurea estabelece uma relação com o passado histórico do advento da abolição da escravatura e adquiriu uma característica de ritual, pois se repete anualmente como entende o autor sobre a tradição:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, 2008, p. 9-10. Grifos do autor).

Na Festa o canto faz parte, comemorando a libertação dos escravos e exaltando aquela que assinou o decreto, a Princesa Isabel. Assim, toda a Festa 13 de Maio desperta os membros quilombolas para produções artísticas.

Entre os cantos mais declamados pelo grupo étnico está “Ô de manhã”, Dona Juscelina afirma que é de sua autoria e não encontramos outra fonte autora:

Ô de manhã

Às quatro horas da tarde, a rainha assinou, na casa do presidente, na sala do promotor.

Ô de manhã, Ô de manhã, Ô de manhã

Ô de manhã, Ô de manhã, Ô de manhã



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A narratividade desses versos possivelmente compostos por Dona Juscelina, expressa um momento político que lhe traz grande alegria, os versos tematizam o advento da abolição da escravatura. A matriarca revela que é neta de escravos, porém essa dor da escravidão é muito forte em seus sentimentos, mas que a libertação dos escravos lhe traz grande alegria.

Neste sentido, seus versos expressam que o hoje é um dia comum e que o amanhã está sendo muito esperado, pois será diferente do hoje. Hoje é cativo, e o amanhã é liberdade. Esta liberdade entendidas nas entrelinhas do texto ocorrerá pela atitude da assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel que no Brasil ocorreu em 1888.

Por não ter sido escrava, Dona Juscelina expressa seu pesar do cativo misturando momentos políticos e históricos diferentes, como a alusão da assinatura da lei áurea na presença de uma rainha (período imperial 1822-1889), um presidente e um promotor (período republicano 1889-presente).

Assim, os versos expressam que no hoje há uma dor, um pesar pelo sofrimento do povo preto nas senzalas, cativos e humilhados. Porém, no amanhã esse sofrimento não mais existirá, o cativo deixará de existir e dará lugar a liberdade. Existe uma intensidade no desejo pelo amanhã, enquanto que o hoje é desprezado, pois não há felicidade que só virá no dia seguinte.

Outro canto bastante declamado na comunidade trata da exaltação à princesa Isabel e o discurso de que o ato de assinatura da lei áurea proporcionou a igualdade entre as raças no Brasil. Embora que não encontramos a fonte de autoria, acreditamos que o canto é difundido pelos quilombos, visto que a matriarca afirma que o cantava ainda quando vivia entre afrodescendentes no Maranhão.

No mundo inteiro

No mundo inteiro, foi celebrado com o nobre gesto da nossa princesa, que propriedade dos pobres negros, sacrificou do pai a realeza.

Já foi extinto no Brasil a escravidão, que retardava nossa civilização, hoje senhor e escravos dão-se as mãos, branco e preto, todos são irmãos.

Em nossa terra reina igualdade, aqui não há preconceito de cor, pretos e brancos são brasileiros, é do Brasil seu sangue, seu amor.

Muitos pregaram abolição, quer Patrocínio, Nabuco e outros mais.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A redentora Isabel santa concretizou seus nobres ideais.
Nosso Brasil recebe a todos com a humanidade da pátria ideal, todas as raças aqui se fundem formando um forte e quinto sem igual.

O texto acima traz uma narratividade do momento político passado no Brasil no final do século XIX. Em sua narrativa, o advento da abolição da escravatura proporcionou a igualdade racial e social, como se de um dia para o outro os sujeitos de diferentes classes e raças se unissem em prol de um projeto maior, sendo o desenvolvimento do processo de igualdade social. Entretanto, esse discurso não está errado de todo, pois realmente é este o processo que passamos. Entretanto, já se passaram mais de um século e tivemos poucos avanços nesse projeto.

Nesta perspectiva, os versos apontam dois sujeitos antagônicos: de um lado o Senhor, que é da raça branca e que exerce o papel de dominador. E de outro lado o escravo, que é da raça negra e que exerce o papel de dominado. Esta relação conflituosa não é discutida nos versos, que fica alheia a esta realidade, pois o mais importante é discutir o fim desse conflito e a geração da união entre estes sujeitos, estabelecendo uma relação nem eufórica e nem disfórica, mas uma relação neutra.

Acreditando que a assinatura da Lei Áurea foi um nobre gesto da princesa Isabel, sendo esta da raça branca e exercendo o papel de dominadora, onde abriria mão de tudo para igualar-se aos dominados e que isso se faria entre todos, onde tamanha união seria como uma irmandade, os versos é uma idealização do dominado de após a ocorrência da abolição da escravatura unir-se socialmente e colocar-se no mesmo patamar do dominador, porém após 130 anos nossa realidade mostra o quanto estamos longe de alcançar esse objetivo que deveria ter um empenho de todas as sociedades.

Como plano de fundo deste cenário, surge à exaltação da princesa Isabel como a libertadora, redentora e santa que sacrificou seu papel de dominadora como membro da realeza, apontando a libertação dos escravos como um grande ideal a ser realizado.

Dessa forma, Dona Juscelina carrega essa paixão pela princesa Isabel e compartilha suas memórias com a comunidade, haja vista que a festa ao ser fundada por seus antecessores exalta a monarca pelo o ato de assinatura da lei áurea, esse discurso é difundido na comunidade e os mais velhos também creem da mesma forma. Entretanto,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

os mais jovens têm clareza em que situações políticas e econômicas o Brasil se encontrava para que houvesse de fato a abolição da escravatura. Para a matriarca a Festa 13 de Maio é acima de tudo celebrar a princesa e seu ato.

A senhora C. V. A. que é anciã da comunidade, produziu desenhos inspirados na Festa 13 de Maio. Na figura 02 mostra um pé pintado de preto acorrentado por um grilhão marron; uma mão pintada de marron acorrentada por um grilhão amarelo; sete diferentes vestidos da Princesa Isabel com tons de marrons, vermelhos, rosas, azuis, amarelos e verde que significam respectivamente: integridade, paixão, ternura, harmonia, alegria e liberdade.

Interpretei os desenhos como uma narrativa, onde há uma oposição entre o cativo e a liberdade. O cativo é expresso nos grilhões que cerram o pé e a mão, também percebemos algo mais além disso, a grilhões traz uma mensagem sobre a mestiçagem de raças, visto que o pé foi pintado de preto e a mão de marron.

Figura 02 - Pé Acorrentado. Mão Acorrentada. Vestidos da Princesa Isabel.



Fonte: C. V. A. (2018).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Neste sentido, entendemos que a narratividade dos desenhos expressam uma clara oposição entre o cativo e a liberdade pautados na condição racial. Os desenhos apontam que o cativo é alguém da raça negra e não há vestígios de roupas nos membros representados, é uma condição de subalternização e precariedade violenta.

Nos desenhos, os vestidos apontam para a liberdade, veja que não há um corpo humano os vestindo. Mas Dona Cícera afirma que foram desenhados pensando na Princesa Isabel, que representa a raça branca e o senhorio pela pompa de suas vestes.

Outro aspecto a ser interpretado, é que o desenho do pé apresenta-se firme no chão, essa é uma condição de dominado e pela a violência explícita nos grilhões. Mas, historicamente os africanos e afro-brasileiros escravizados sempre resistiram ao escravismo colonial, essa resistência está expressa no desenho da mão, erguida e em um leve formato de garra que também lembra um pedido de socorro para a liberdade.

A quilombola e jovem senhora M. B. N. A. compôs o poema abaixo, concorrendo no Projeto “A Poesia Liberta da Escravidão” realizada pela Prefeitura de Muricilândia e venceu em segundo lugar.

Não Existe Tronco

Autora: Maria Bartolomeu Novais Alencar

Hoje não existe mais o tronco
O escravo está muito camuflado
Nas empresas, nas fábricas, no banco
Negro, Mulato, Pardo ou Branco.

A escravidão de hoje é no campo
Na cidade está mais ainda
Quando o patrão não respeita
Nem a sua carteira assina.

Há intolerância ao humilde
Em todas as camadas sociais
Onde o rico oprime o pobre
Usando da força e tudo mais.

A força da qual vos falo aqui
É a psicológica, a financeira e afins
O trabalhador, a lei deve conhecer
Seus direitos, ele tem que entender
E da escravidão, vai poder se defender.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Nos versos percebemos a denúncia de problemas sociais distantes de serem resolvidos mesmo após a abolição da escravatura. Ao contrário das anciãs da comunidade de que tratamos anteriormente neste trabalho, esta jovem senhora quilombola é ciente do momento em que nos encontramos e o quanto o negro mesmo livre do cativeiro ainda assim enfrenta muitas dificuldades.

Os versos apontam não o negro, mas o pobre que enfrenta o trabalho escravo contemporâneo, as condições ruins de trabalho e a péssima remuneração mantendo-o em condições subalternizadas.

Temos também, o trabalho do jovem quilombola S. I. C. B. que é músico e compôs a letra da música abaixo que a executa em ritmo de rock.

R.P.B (Revolta do Povo Brasileiro)
Autor: Sallomão Israel Chaves Borges

Todos os dias enfrentamos a vida,
Sem perceber o quanto ela é bonita.
Sempre caminhando sem nenhum destino,
Pelas ruas dessa cidade falida.

O medo nos persegue e é difícil compreender,
Um povo aprisionado no sistema da TV.
A fome e a miséria batendo na sua porta,
Vivendo nos limites dessa realidade mórbida.

REFRÃO

Vivemos nos problemas e eles não vão resolver,
As causas dessa nossa R.P.B!!!
A história está manchada e um dia ainda vão ler,
As causas dessa nossa R.P.B!!!

Temos que assumir o futuro em nossas mãos,
E tomar as rédeas da nossa nação.
Acabar com os parasitas que nos tiram o brilho.
E vamos colocar esse país no trilho.

REFRÃO

Vivemos nos problemas e eles não vão resolver,
As causas dessa nossa R.P.B!!!
A história está manchada e um dia ainda vão ler,
As causas dessa nossa R.P.B!!!



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os versos do jovem quilombola apontam para o desejo de superação das desigualdades sociais, enquanto que a matriarca Dona Juscelina canta a equidade entre as pessoas brancas e negras após o ato de assinatura da Lei Áurea sem levar ao debate as grandes questões que tem impedido esse projeto, o jovem faz exatamente o contrário e nos leva a pensarmos nas dificuldades que os descendentes de escravos tem enfrentado até os dias atuais após 130 anos de abolição da escravidão.

A Revolta do Povo Brasileiro discute que mesmo após a abolição os descendentes dos escravizados é um povo pobre, e que ainda vive aprisionados pelos projetos das classes dominantes, com poucos direito ao lazer, a educação, a segurança alimentar a corrupção política. Os versos são fortes e condena a mancha da escravidão na história brasileira e mundial e a falta de políticas públicas para sanar estes problemas.

Estas são as análises dos trabalhos artísticos-culturais dos quilombolas da Comunidade Dona Juscelina, notamos uma aparente diferença dos discursos entre as pessoas mais velhas e as pessoas mais jovens da comunidade. Enquanto os mais velhos se prendem ao ato de assinatura da Lei Áurea e apenas se sentem aliviados por não haver mais cativeiro, os mais jovens pensam nos problemas atuais que enfrentam no pós-abolição.

Considerações Finais

Entendemos que Dona Juscelina é líder e matriarca da comunidade quilombola que recebeu seu nome por realmente ser a pessoa que traz o discurso que consolida e empodera o grupo como pertencentes à cultura negra e afrodescendente. Assim, a comunidade composta por emigrantes da região nordeste do país, consegue manter seus traços identitários e reconstrói em uma nova espacialidade sua cultura porque possuem uma identidade territorial.

A cultura da comunidade quilombola em Muricilândia, mesmo seus membros tendo diferentes origens é a mesma cultura de seus territórios de origem. A partir da implantação da Festa 13 de Maio os membros do grupo trabalham juntos para a produção



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

dessa manifestação cultural gerando o sentimento de pertencimento que amálgama a comunidade.

Assim, os membros quilombolas desenvolvem trabalhos artísticos-culturais que expressam a essência da cultura negra que carregam. As análises destes trabalhos nos trazem profundas reflexões sobre os posicionamentos dos membros mais velhos e dos mais jovens da comunidade. Enquanto os mais velhos mantêm-se firmes no discurso de celebrar a liberdade os mais jovens mantêm discursos de luta contra as desigualdades sociais.

Referências bibliográficas

ACQDJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/Quilombo-Dona-Juscelina-1411940975500556/>. Acesso em: 19 out. 2017.

ARRUTI, José Maurício. Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: Edusc, 2006.

BRASIL. **Portaria n° 51:** Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>. Acesso em: mai. 2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. 5 de outubro de 1988.

FIABANI, Adelmir. Comunidades Remanescentes de Quilombo: da invisibilidade à luta pela terra. In: FIABANI, Adelmir. LIMA, Solimar Oliveira. **Sertão Quilombola: comunidades negras rurais no Piauí.** Teresina: EDUFPI, 2015.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (org's). **A Invenção das Tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Tradução: Celina Cardim Cavalcante).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira.